

A Tapada da Ná-Formosa

The Tapada da Ná-Formosa

Paulo Caratão Soromenho, etnólogo, historiador e linguista

Comunicação à Linha de Acção "Resolva e Estudo de
Literatura Popular Portuguesa" da Secção de Antropologia
Cultural da Faculdade de Letras de Lisboa, por Paulo
Caratão Soromenho, para ser integrada no volume
de Lendas Populares Portuguesas (1981).

A Tapada da Ná-Formosa^{1 2}

The Tapada da Ná-Formosa

Paulo Caratão Soromenho†, etnólogo, historiador e linguista (Lisboa, 1912 – Lisboa, 1985)

Resumo O autor discute a etimologia do topónimo Ná-Formosa (forma correspondente à pronúncia corrente em Fratel, no município de Vila Velha de Ródão), relacionando-a com a palavra *nave* ou *nava*, com o significado de terreno aplanado [resumo da responsabilidade do editor].

Abstract The author discusses the etymology of the toponym Ná-Formosa (form corresponding to the current pronunciation in Fratel, in the municipality of Vila Velha de Ródão), relating it to the word *nave* or *nava*, with the meaning of plain [summary under the editor's responsibility].

Palavras-chave Toponímia, Fratel, Nave Formosa, Anaformosa, Ná-Formosa [seleção da responsabilidade do editor].

Keywords Toponymy, Fratel, Nave Formosa, Anaformosa, Ná-Formosa [selection by the editor].

¹ Comunicação à Linha de Ação “Recolha e Estudo de Literatura Popular Portuguesa” da Secção de Antropologia da Faculdade de Letras de Lisboa, por Paulo Caratão Soromenho, para ser integrada no volume de *Lendas Populares Portuguesas* (1981).

² No arquivo documental de João Carlos Caninas foi encontrado um manuscrito da autoria de Paulo Caratão Soromenho, redigido a cor preta, em sete folhas de papel, no tamanho 27cm x 16cm. Não se registou justificação para esta posse. Contudo, recorda uma visita ao autor (em data não registada), na sua casa de Lisboa, junto ao Largo Chafariz de Dentro, que efetuou na companhia de Francisco Henriques e/ou Domingos Alves Dias. Este documento poderá ter sido oferecido nesta visita e a oferta pode ter sido motivada por alguma conversa acerca daquele topónimo ou por um convite para (re)publicação no boletim *Preservação*, editado pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Fez-se uma consulta junto do Centro de Estudos Geográficos (CEG), do Instituto de Geografia e de Ordenamento do Território, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) e da Biblioteca da FLUL com o objetivo de saber se aquele texto fora publicado no volume de *Lendas Populares Portuguesas*, referido pelo autor, ou noutros volumes da série *Contos Populares Portugueses* (CEG), para além dos dois (1984 e 1986) de que temos conhecimento, coordenados por Alda da Silva

O designativo desta tapada, que se encontra relativamente perto da aldeia de Fratel, no concelho de Vila Velha de Ródão, a caminho da margem direita do Tejo, parece poder representar-se ortograficamente como aparece no título. Está situada no alto, sensivelmente amplo e aplanado, de um cabeço, com mato abundante. Na aceitação popular, e conforme a opinião de gente de alguma preparação escolar, quando não gente formada, a etimologia do topónimo será «de Ana-a-Formosa», nome de alguma antiga proprietária, isto é, nome e alcunha amável. Há até quem (com responsabilidades intelectuais) admita um exemplo de matriarcado (!) – ali existente sabe Deus desde quando – dado que a toponímia da freguesia é ou aparenta ser, em bastantes casos, feminina. Tratar-se-á, realmente, de lendas onomásticas, de que abundam às centenas os exemplos no nosso País. Os «etimologistas» fratelenses replicam, entre muitos casos, por exemplo, o Monte Albardis por Álvaro Dias, a Charneca do Janome por João Homem, a Barroca do Conçal Mago por Gonçalo Magno – isto é, topónimos derivados de antropónimos.

No caminho, melhor, na estrada da estação dos comboios, fica uma propriedade, que ocupa a planura de um cabeço e apanharia o que é agora um troço da estrada, com o nome de Ná-d’Ulvêra (Oliveira, claro). E algures, ainda na freguesia do Fratel, outra propriedade é designada por Anavinha (ou Ànavinha, quando o apelativo é

Soromenho (ASS) e Paulo Caratão Soromenho (PCS). O resultado foi negativo, de acordo com as respostas que nos foram, gentilmente, enviadas pelas bibliotecárias Sandra Domingues e Isabel Rebolho, sendo desconhecido o título *Lendas Populares Portuguesas*. Além disso, este texto também não poderia ter sido publicado nos dois volumes (1964 e 1969) de *Contos Populares e Lendas* (de José Leite de Vasconcelos), em edição também coordenada por ASS e PCS. A consulta direta das publicações em apreço também se revelou negativa. Deve concluir-se que este texto está inédito. Paulo Caratão Soromenho foi um distinto etnólogo português, coautor das obras acima citadas e de um interessante *Lendário Rodanense* (Revista de Portugal, 1965). Tinha raízes familiares na povoação de Fratel, motivo que o terá colocado na origem da descoberta da arte rupestre do Tejo ao alertar o seu genro, Francisco Sande Lemos, futuro descobridor daquele complexo gráfico pré-histórico, para tal existência.

O interesse do tema justifica a publicação deste manuscrito. Faz-se a transcrição do texto, associa-se *fac simile* do original e transcreve-se biografia, disponibilizada pelo Dr. Marcos Soromenho, através do Doutor Francisco Sande Lemos.

precedido de artigo definido feminino: a Anavinha). Seria, pois, um diminutivo – a Navinha.

Ora, os dicionários indicam o substantivo comum feminino, obsoleto (já arcaico no princípio do século XVIII) Nava, com a significação de «planura, planície» (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira); «planície, campo raso» (Dicionário, de Eduardo Faria, 4ª edição, Lisboa, 1859, revista por D. José Corrêa de Lacerda, a primeira digna de crédito, na opinião do Doutor Leite de Vasconcelos); «planície cercada de montanhas, planície vasta, planura» (Lello Universal, em dois volumes, de João Grave e Coelho Netto), etc.; no plural, ainda como substantivo comum, aparece no Elucidário, de Santa Rosa de Viterbo, edição de Mário Fiúza, significando «campos rasos, cercados de bosques».

Na toponímia, deparam-se-nos, em Espanha, Navas de Tolosa (na pronúncia de Jaen), o local da célebre batalha de 1212; Nava-del-Rey, aldeia da província de Valladolid; Navacerrada; Nava-Formosa, aldeia da província de Toledo, que aqui vem a propósito, pelo topónimo em epígrafe.

Na opinião de João Diogo Correia (Toponímia da Beira Baixa), citada pelo Dr. Alexandre Carvalho Costa (Lendas, Historietas, Etimologias Populares, etc), nave usa-se por nava, do romance naba, no mesmo sentido.

Nava como topónimo é muito frequente (também no plural, e com determinativo): a Grande Enciclopédia cita 11 locais (se bem contados...); Carvalho Costa indica 6; o Lello Universal, que dá ao vocábulo uma origem vasconça (naba), enumera localidades já incluídas nas obras acabadas de referir. No Dicionário da Sociedade de Língua Portuguesa, elaborado pelo Dr. José Pedro Machado, no artigo nave (do latim nave-), define-se: «Grande vale, na Serra da Estrela, por oposição».

Percebe-se que a replicação ficou incompleta, e de facto assim é: no Arqueólogo Português, XXII, p. 319 (citado na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, s. v. nave) lê-se que é «Grande vale na Serra da Estrela, por oposição a covão».

Da Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881. Secção de Etnografia. Relatório, de Luís Feliciano Marrecas Ferreira, Lisboa, 1883, Imprensa Nacional de Lisboa, pp. 118-120, retiram-se agora algumas informações. Em Espanha, nava é ainda termo corrente, «Espacio de terreno llano y raso em forma de esplanada»; nave é forma antiga de nava. As áreas portuguesas de nave são, segundo Marrecas Ferreira, os planaltos da Estrela e do Alentejo [de facto, os topónimos indicados nas enciclopédias dominam nestas regiões]. O autor espraia-se em considerações um tanto difusas, ainda que curiosas, e para lá se remete o leitor interessado: e rever topónimos, não assinalados, nas obras já citadas acima.

Voltando ao tema inicial, o da tapada pertença possível de uma Ana, a Formosa (porque o seria) – segundo a ingénua interpretação corrente -, reconheçamos pela soma de notas aqui recolhidas que o local foi, e ainda é, uma nave (de nava: na pronúncia da Beira Baixa ensurdece-se frequentemente, a vogal final), a que se atribuiria um apelativo de grande apreço: a nave formosa, expressão em que se deu a haplologia – a ná-formosa, em seguida tornada topónimo com este aspecto.

A Ná d'Ulvêra e o diminutivo A Navinha confirmam o que se disse, e se reforça ainda com a inclusão de três locais na área geográfica já delimitada – desde a Estrela ao Alto Alentejo.

[Redigido com apontamentos deixados por Margarida da Soledade da Silva Soromenho, n. e f. em Lisboa, 1949-1973 que preparava uma toponímia fratelense.]

Acrescentam-se algumas notas, obtidas depois da entrega da comunicação para as Lendas Populares Portuguesas (volume inédito organizado por Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho):

1. No Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, Ano XIII, Março de 1962, nº 3, pp. 78-80, «Nave de Haver ou Nave Daver?», o Dr. José Pedro Machado lembra, também na família de Nave e Nava a forma Navarra, e alude à possibilidade da sua relação com a forma návia, substantivo comum, de «fonte, rio», ou a deusa Navia.

2. Jarmelo ou Jermelo indica igualmente uma serra da Beira Baixa, a nordeste da Guarda, ramificação da Serra da Estrela, e por seu lado ramifica-se na Serra da Nave Morena, da freguesia de Nave de Haver (s. v. Nave, na Grande Enciclopédia).
3. Em O Mais Antigo Mapa de Portugal (1561), por Alves Ferreira, Custódio de Morais, Joaquim da Silveira e Amorim Girão, Faculdade de Letras de Coimbra, 1957, separata do Boletim do Centro de Estudos Geográficos, na p. 48 cita-se Nave da Beira, que é a atual Nave de Haver, do c. de Almeida.
4. Na comunicação «No servolo de Navia», P. C. Soromenho não aceita a possibilidade de relação de návia com nave (no sentido agora estudado), apresentada pelo Dr. José Pedro Machado.

Comunicação à Linha de Ação "Reserva e Estudo de
Literatura Popular Portuguesa" da Secção de Antropologia
Cultural da Faculdade de Letras de Lisboa, por Paulo
Caratão Soromenho, para ser integrada no volume
de Lendas Populares Portuguesas (1981).

A Tapada da Ná-Formosa

O designativo desta tapada, que se encontra relativamente
perto da aldeia de Fratel, no concelho de Vila Velha de Ródão,
a caminho de margem direita do Tejo, parece poder re-
presentar-se etimologicamente como aparece no título. Há
situação no alto, essencialmente ampla e aplanada, de
um cabeço, com muito abundante. Na aceitação popular,
e conforme a opinião de gente de alguma preparação escolar,
quando esta gente formada, a etimologia do topónimo será
«de Ana-a-Formosa», nome de alguma antiga
proprietária, isto é, nome e alameda amável. Há até
quem (com responsabilidades intelectuais) admita um
exemplo de matricação (!) — ali existente com seus
dados quando — dado que a toponímia da freguesia é ou
aparenta ser, em bastantes casos, feminina. Tratar-se-á,
realmente, de lendas onomásticas, de que abundam as contadas

os exemplos no mesmo País. Os «etimologistas» pen-
teses applicam, entre outros casos, por exemplo,
o Monte Albardis por Álvaro Dias, a Charneca de
Farome por João Hornem, a Baranca do Concal Mago
por Louçã Magno — isto é, topónimos derivados de
autotopónimos.

No conuinto, melhor, na estrada de estegão do conuinto,
fica uma propriedade, que occupa a planura de um
cabeço e apanharia o que é ~~terra~~ agora um troço
da estrada, com o nome de de Nã d'Alvira (Oli-
veira, class). E algumas, ainda na freguesia de Fratel,
outra propriedade é designada por Anavinha (ou
Anavinha, quando o apelativo é precedido de art.)
definido feminino: a Anavinha ~~de~~ Seria, pois, um dimi-
nutivo — a navinha.

Orá, os dicionários indicam o substantivo comum femi-
nino, obsoleto (já arcaico nos princípios do século
XVIII) Nava, com a significação de «planura, plani-
cie» (Grande Dicionário Português e Brasileiro); «
planície, campo raso» (Dicionário, de Eduardo Faria,

4^a edição, Lisboa, 1888, revista por D. José Correia de (3
Lacerda, a primeira digna de crédito, na opinião de Doutor
Leite de Vasconcelos; «planície cercada de montanhas,
planície vasta, planura» (Delle Universal, em dois
volumes, de João Grava e Coelho Netto), etc.; no plural,
ainda como substantivo comum, aparece no Elucidário,
de Santa Rosa de Viterbo, edição de Maria Figueira, significando
«campos raso, cercados de bosques».

Na toponímia, deparamo-nos, em Espenha, Nava de
Toboa (na paróquia de Jaen), o local da célebre batalha
de 1212; Nava-del-Rey, aldeia da provincia de Vallado-
lid; Navacerrada; Nava-Formosa, aldeia da provincia
de Toledo, aqui bem a propósito, pelo topónimo em
epigrafe.

Na opinião de João Diogo Correia (Toponímia de Baixa
Baixa), citada pelo Dr. Alexandre Barbalho Costa (Verbo,
Histórias, Etimologias Populares, etc.), nave usa-se
por nava, do romance naba, no mesmo sentido.
Nave como topónimo é muito frequente (também
no plural, e com determinativo): a freguesia Nave de Lucio, Nave de

cita 11 locais (se bem contados...); Carvalho Costa ⁽⁴⁾
indica 6; o Leilão Universal, que dá ao vocábulo uma
outra variação (nabe), enumera localidades já
incluídas nas obras acabadas de referir. No Dicionário
da Academia da Língua Portuguesa, elaborado pelo Dr.
José Pedro Machado, no artigo nave (do latim nave-),
define-se: « Grande vale, na Serra de Estrela, por oposição ».
Percebe-se que a replicação ficou incompleta, e de facto
assim é: no Arqueólogo Português, XXII, p. 319 (citado
no Grande Dicionário Português e Brasileiro, s. v. nave)
lê-se que é « grande vale na Serra de Estrela, por opo-
sição a covão. »

Da Expedição Científica à Serra de Estrela em 1881. Ser-
ção de Topografia. Relatório, de Luís Feliciano (Manoel
Ferreira, Lisboa, 1883, Imprensa Nacional de Lisboa, pp.
118-120, retiram-se aqui algumas informações. Em
Espanha, nava é ainda termo corrente, « Espacio de
terreno lleno y raso en forma de explanada »; nave
é forma antiga de nava. As áreas portuguesas de nabe
são, segundo Manoel Ferreira, os planaltos de Estrela

e do Alentejo [de facto, os topónimos indicados ⁽⁵⁾
nos enciclopédios dominam estas regiões]. O autor
española-se em considerações um tanto difusas, ainda
que curtos, e para lá se remete o leitor interessado: a
revela topónimos, não associados nas obras já citadas
acima.

Voltando ao termo inicial, o da Tapada pertence
provavelmente a uma Areia, a Formosa (porque o seria) — re-
gendo a inflexão interpretação corrente —, reconhecemos
pela soma de natos aqui recolhidos que o local foi, e
ainda é, uma nave (de nava: na pronúncia de
Beira Baixa encurta-se, frequentemente, a vogal final),
a que se atribuiria um apelativo de grande apelo:
a nave formosa, expressa em que se deu a haplogogia —
a ná-formosa, em seguida tornada topónimo com este
aspecto.

A Nave d'Ulveia e o diminutivo A Navinha con-
fermem o que se disse, e se reforça ainda com a
inclusão dos três locais na área geográfica já delimita-
da — desde a Estrela ao Alto Alentejo.

[Redigido com apontamentos deixados por Inês da (6)
Soledade da Silva Soromenho, n. e f. em Lisboa, 1949-1973,
que preparava uma toponímia patriléxica.]

Acrescentam-se algumas notas, obtidas depois do envio
da comunicação para as Leões Populares Portuguesas
(volume inédito organizado por Alda de Silva Soromenho
e Paulo Caratão Soromenho):

1. No Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, Ano XIII,
Maio de 1962, no. 3, pp. 78-80, «Nave de Haver ou Nave
Daver?», o Dr. José Pedro Machado lembra, também
na família de Nave e Nava a forma Nabarra, e alude
à possibilidade de sua relação com a forma navia,
substantivo comum, «forte, sis», ou a deusa Navia.
2. Jarmelo ou Jarmelo indica igualmente uma serra de
Beira Baixa, a nordeste de Guarda, ramificação da Serra
de Branca, e por seu lado ramifica-se na Serra do Nave
Morena, da freguesia de Nave de Haver (o. v. Nave, na
fraude Eucledes).
3. Em O Maior Antigo Mapa de Portugal (1561), por Alvaro

Ferreira, Eustáquio de Almeida, Joaquim de Silva e (7)
Amorim Jirão, Faculdade de Letras de Coimbra, 1957, reparte
de Belvén do Centro de Estudos Geográficos, na p. 48 cita-se
Nave da Beira, por se a actual Nave de Haver, do c.
de Almeida.

4. Na comunicação «No seculo de Navia», P. C. Soromenho
não aceita a possibilidade de relação de navia
com nave (no sentido aqui estudado), apresentada por
Dr. José Pedro Machado.

Paulo Caratão Soromenho

Biografia

Transcreve-se nota biográfica que nos foi enviada pelo Doutor Francisco Sande Lemos e transmitida pelo seu sobrinho, o Dr. Marcos Soromenho, tendo como fonte: <https://geneall.net/pt/nome/20367/paulo-soromenho/>. Agradecemos a ambos a comunicação deste contributo para um melhor conhecimento do investigador e cidadão notável que foi Paulo Caratão Soromenho que tivemos o privilégio de conhecer por intermédio do comum amigo, Sr. Domingos Alves Dias.

“Professor, etnólogo, historiador e linguista português, nascido em Lisboa (S. Miguel de Alfama) a 16 de novembro de 1912, onde faleceu a 14 de janeiro de 1985. Licenciado em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa (1937). Foi afastado do ensino público pelo Estado Novo no seguimento da sua adesão ao Movimento de Unidade Democrática (1945).

Exerceu o magistério em estabelecimentos particulares, de que foi proprietário (Colégio Insulano, Externato Latino Coelho) e diretor (Ateneu Comercial de Lisboa), entre outros. Reintegrado na Função Pública após a revolução de 1974, culminou a sua carreira pedagógica como Professor do Ensino Superior e Investigador de Antropologia Cultural da Faculdade de Letras de Lisboa.

Fundador e dirigente do Sindicato Nacional de Professores (1939/74) que representou no IV Plano de Fomento. Organizador da 1ª. Conferência Nacional do Ensino Superior (1984). Discípulo e testamenteiro de Leite de Vasconcelos, coordenou a publicação da obra fundamental do seu mestre, "Etnografia Portuguesa", em colaboração com sua mulher a etnóloga Dr.ª Alda da Silva Soromenho. "Contos Populares e Lendas", publicados pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, é a tese mais representativa de todo o trabalho de recolha, classificação e análise da cultura tradicional levado a cabo por Soromenho conjuntamente com sua mulher.

Como historiador relevam-se na sua obra os estudos olisipográficos. Assinou mais de 1500 artigos em cerca de 60 publicações periódicas, tendo sido crítico literário único da Sociedade de Língua Portuguesa, diretor da revista Olisipo e do Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris. Em 1971 indiciou o achado de arte rupestre nas margens do Tejo a partir de vestígios que encontrou no Fratel, Concelho de Vila Velha de Ródão.

Fundador do Grupo dos Amigos de Olivença (1938) do qual foi presidente. Presidente da Assembleia Geral do Grupo dos Amigos de Lisboa;

Presidente da Academia Portuguesa de Ex-Libris; Vice-presidente da Sociedade de Língua Portuguesa; Sócio Honorário da Sociedade Histórica da Independência de Portugal; Sócio Efetivo do Centro Nacional de Cultura; dirigente da Sociedade de Tiro; etc.

Da sua vasta Bibliografia destacamos: Eça de Queirós e a Literatura Inglesa (1937); Frei Lucas de Santa Catherina (1937); Two Steps Forward (1948); Etnografia Portuguesa de Leite de Vasconcelos, vol. IV a vol. X (entre 1958 e 1985); A Organização da Sociedade segundo os Contos populares (1960); Romanceiro português, vol. II (1960); O Padre António Vieira e a sua época (1961); Contos Populares e Lendas (1964 e 1969); Lendário Rodanense (1965); Caminhadas Lisboetas de Gil Vicente (1966); O Dr. Leite de Vasconcelos e a Etnografia Portuguesa (1966); Camões em Lisboa (1972); Arte Rupestre Tagana (1972); D. Nuno em Lisboa (1973); Respiços Camonianos (1974); Lendário Camoniano (1980); Estudo sobre a Evolução do Charadismo (1980); Roteiro Fraseológico de Lisboa (1981); Temas Lisboetas (1981); Classificação das Entidades Míticas (1981); Temas Camonianos (1981); Lembranças de Lisboa (1982); Da Importância dos Contos Populares (1983).” (<https://geneall.net/pt/nome/20367/paulo-soromenho/>)